

# Lavagem do Bonfim: força da cultura afro-brasileira na Bahia

Patrimônio imaterial do país, festa aconteceu na semana passada

A Lavagem do Bonfim voltou a evidenciar, na semana passada, a profunda conexão entre fé, cultura e identidade afro-brasileira.

Ao longo da caminhada entre a Igreja da Conceição da Praia, no Comércio, até a Basílica do Senhor do Bonfim, a presença dos blocos de matriz africana reafirmou a dimensão histórica e simbólica da festa.

Com o apoio do Programa Ouro Negro, iniciativa do governo da Bahia que fortalece a cultura popular e identitária do estado, foi garantida a participação de 11 entidades na celebração de 2026.

Patrimônio imaterial do Brasil, a Lavagem do Bonfim é marcada pelo sincretismo religioso e pela expressividade cultural do povo negro. Ao som dos tambores e cânticos, os blocos afros imprimiram ritmo, ancestralidade e resistência ao cortejo, em exaltação ao papel central das agremiações na construção da festa ao longo das décadas.

## Volta do Olodum

Entre os destaques de 2026 está o retorno do Olodum à Lavagem do Bonfim após 25 anos, momento simbólico para a história da celebração.

Com cortejo formado por 120 percussionistas, homens e



Retorno do Olodum marcou a Lavagem do Bonfim

mulheres, além de dançarinos e alegorias, o bloco voltou a ocupar as ruas do circuito.

De acordo com o presidente Institucional do Olodum, Marcelo Gentil, a apresentação foi possível graças ao apoio do Programa Ouro Negro.

“É o retorno a uma antiga tradição. Milton Nascimento disse que o artista tem que ir aonde o povo está, e o povo está na Lavagem do Bonfim. Essa volta se deve exclusivamente ao importante apoio estratégico do

Programa Ouro Negro. Sem esse apoio, ficaríamos mais uma vez de fora”, afirmou.

Quando o Olodum entrou no percurso, o ritmo dos tambores arrastou uma multidão, que transformou as ruas do Comércio em um mar de gente embalado pelo som do samba-reggae. Entre os foliões estava a assistente social Jéssica Nascimento, de 40 anos, que acompanha a Lavagem do Bonfim desde criança.

“O Olodum faz parte da minha história e da história da

cidade. Ver o bloco de volta ao Bonfim depois de tanto tempo é emocionante. A gente sente orgulho e alegria de estar aqui vivendo isso”, disse.

## Preservação

Para quem vive o desfile de perto, o apoio do Ouro Negro tem impacto direto na preservação dessas manifestações. Murilo Câmara, responsável pelos blocos Ki Beleza e Samba & Folia, ressalta que o cortejo é historicamente um espaço de afirmação

negra, que tem se mantido graças ao apoio do Governo da Bahia. “A Lavagem do Bonfim sempre foi um desfile étnico feito pelo povo preto. Isso foi se perdendo ao longo do tempo, mas começou a mudar quando o Ouro Negro passou a apoiar. Muitos grupos voltaram a existir e a ocupar esse espaço”.

A mesma percepção é compartilhada por quem acompanha a festa como público. A comerciante Maria da Conceição Santos, de 57 anos, observava a passagem dos blocos e não se conteve na hora de dançar.

“A Lavagem do Bonfim sem os blocos não é a mesma coisa. Quando eles passam, a gente sente a energia mudar. É música, é dança, é fé, é tudo junto”, declarou.

O Ouro Negro também carrega a memória das lutas travadas pelos blocos ao longo dos anos.

O cantor Tonho Matéria, que está à frente do bloco afro Mangangá Capoeira, o Ouro Negro representa uma virada histórica na relação do poder público com as manifestações de matriz africana.

Ele recorda que, até o surgimento da política, esses grupos não contavam com nenhum instrumento de fomento.

Ascom/Secut- BA

# Olhar sobre matriz africana em Alagoas

O Museu da Imagem e do Som de Alagoas (Misa), recebe, entre os dias 19 e 30 de janeiro, a exposição “Encruzilhada – Um encontro com o povo da rua”, da fotógrafa Carolina Thalassa, com curadoria de Dayane Fidelis.

A abertura acontece na segunda-feira (19), em Maceió.

A exposição propõe um mergulho sensível e respeitoso no universo de Exú, Pombagira e Mestres da Jurema, entidades fundamentais das religiões de matriz africana, frequentemente cercadas por estígmas e preconceitos.

Por meio da fotografia, “Encruzilhada” revela essas figuras como forças de movimento, transformação e equilíbrio, guardiãs dos caminhos e dos encontros entre o mundo material e o espiritual.

## Romper estígmas

Segundo a fotógrafa Carolina Thalassa, o projeto nasce do desejo de romper estígmas e registrar

a espiritualidade a partir do respeito e da vivência nos terreiros.

“Meu objetivo com a exposição é provocar um atravessamento. A encruzilhada simboliza escolhas, encontros e caminhos, e é exatamente isso que essas entidades representam. Fotografar Exú, Pombagira e os Mestres da Jurema é reconhecer a potência espiritual, cultural e ancestral que existe nos terreiros e que resiste ao tempo, apesar do preconceito”, destaca a artista.

Com imagens que transitam entre o sagrado e o profano, a exposição convida o público a refletir sobre ancestralidade, identidade, memória coletiva e pertencimento, unindo arte, espiritualidade e território.

A curadoria de Dayane Fidelis contribui para construir uma narrativa visual que valoriza os saberes tradicionais e as expressões contemporâneas das culturas afro-brasileiras.

A secretaria de Estado da Cul-

tura e Economia Criativa, Mellina Freitas, ressalta que a mostra dialoga diretamente com as diretrizes das políticas culturais desenvolvidas pelo Governo de Alagoas.

“A exposição consolida as ações do governo do estado voltadas à valorização da diversidade cultural e dos saberes ancestrais. Por meio da Secult, seguimos com ações que democratizam o acesso à cultura, reconhecem narrativas historicamente marginalizadas e ampliam o papel dos nossos equipamentos culturais como espaços de reflexão, respeito e construção de identidade”, afirma.

Para a supervisora do Museu da Imagem e do Som de Alagoas, Jinny Mikaelly, receber a exposição reitera a vocação do Misa para a difusão e preservação cultural. “O Misa se consolida como um lugar de encontro entre memória, arte e diversidade. ‘Encruzilhada’ amplia esse diálogo ao trazer uma temática profunda, necessária e potente”.



Fotografias propõem olhar sobre as religiões de matriz africana